

PRÓLOGO

O homem com uma prótese de madeira na perna percorria o corredor de hospital.

Era um sujeito baixo e vigoroso com um porte atlético, trinta anos de idade, vestindo um fato cinzento-escuro simples e calçando sapatos pretos com biqueira. Caminhava energicamente, mas via-se que era coxo pela ligeira irregularidade no seu passo: *toc-toc*, *toc-toc*. Mantinha uma expressão carregada no rosto, como se reprimisse alguma emoção profunda.

Chegou ao fundo do corredor e parou junto à secretária da enfermeira. — O tenente-aviador Hoare? — perguntou.

A enfermeira levantou a cabeça de uma ficha. Era uma rapariga bonita com cabelo preto, e falava com a pronúncia suave do condado de Cork. — Presumo que seja um familiar — respondeu com um sorriso simpático.

O encanto dela não surtiu efeito. — Irmão — disse a visita. — Qual é a cama?

— A última da esquerda.

Girou nos calcanhares e avançou em passadas largas pelo corredor até ao fundo da enfermaria. Numa cadeira ao lado da cama estava sentada uma figura de roupão castanho de costas para a sala, a olhar pela janela e a fumar.

A visita hesitou. — Bart?

O homem na cadeira levantou-se e virou-se. Tinha uma ligadura na testa e o braço esquerdo ao peito, mas sorria. Era mais novo e alto do que a visita. — Olá, Digby.

Digby envolveu o irmão com os braços e estreitou-o com força. — Julguei que tivesses morrido — disse.

Depois começou a chorar.

— Eu pilotava um *Whitley* — referiu Bart. O *Armstrong Whitworth Whitley* era um bombardeiro pesado de cauda longa que voava de uma

maneira estranha, com o nariz para baixo. Na Primavera de 1941, o Comando de Bombardeiros possuía cento e um aviões, de uma força total de cerca de setecentos. — Um *Messerschmitt* disparou sobre nós e fomos atingidos várias vezes — prosseguiu Bart. — Mas o piloto deve ter ficado sem combustível, porque abandonou a formação antes de nos destruir. Julguei que fosse o meu dia de sorte. Depois começámos a perder altitude. O *Messerschmitt* ter-nos-á danificado ambos os motores. Livrámo-nos de tudo o que não estava aparafusado, para reduzirmos o peso, mas não valeu de nada, e apercebi-me de que íamos mesmo cair no Mar do Norte.

Digby sentou-se na borda da cama de hospital, agora de olhos secos, observando o rosto do irmão, vendo o olhar vago de um soldado cansado da guerra enquanto Bart ia recordando.

— Mandei a tripulação lançar ao mar o tampo da escotilha traseira e assumir depois a posição de aterragem de emergência, encostando-se à divisória. — O *Whitley* levava cinco tripulantes, lembrou-se Digby. — Quando atingimos a altitude zero, puxei para mim a *manche* e abri os aceleradores, mas o avião recusou-se a ficar na horizontal, e embatemos na água com toda a força. Perdi os sentidos.

Eram irmãos por afinidade, com oito anos de diferença. A mãe de Digby falecera quando ele tinha treze anos, e o pai casara com uma viúva que já tinha um filho seu. Desde logo, Digby olhara pelo irmão mais novo, protegendo-o dos rufiões e ajudando-o nos estudos. Eram ambos doidos por aviões, e sonhavam ser pilotos. Digby perdera a perna direita num acidente de motorizada, estudara engenharia, e tornara-se projectista de aviões; mas Bart pudera concretizar o seu sonho.

— Quando recuperei os sentidos, cheirou-me a fumo. O avião flu-tuava e a asa de estibordo ardia. Estava uma noite escura como breu, mas conseguia ver graças ao clarão das chamas. Arrastei-me pela fuselagem e encontrei o invólucro com o bote insuflável. Atirei-o pela escotilha e saltei. Meu Deus, a água estava mesmo fria.

A voz dele era baixa e calma, mas dava fumaças fortes no cigarro, engolindo o fumo bem até ao fundo dos pulmões e soprando-o num longo jacto por entre os lábios franzidos. — Tinha vestido o colete salva-vidas e flutuei como um bocado de cortiça. Havia bastante ondulação, e andava para baixo e para cima como as cuecas de uma pega. Felizmente, o bote insuflável estava mesmo à frente do meu nariz. Puxei o cordão e ele insuflou-se, mas não consegui entrar. Não tinha forças para me içar da água. Não compreendia, não me apercebera de que tinha um ombro deslocado, um pulso partido, três costelas fracturadas e sabe-se lá mais o quê. Deixei-me então ficar ali agarrado, gelando até à morte.

E dizer que houvera uma altura, recordou Digby, em que achava que o sortudo era Bart.

— O Jones e o Croft acabaram por aparecer. Tinham-se agarrado à cauda e esperado até ela se afundar. Nenhum deles sabia nadar mas os coletes salva-vidas insufláveis salvaram-nos, e conseguiram subir para o bote e puxar-me. — Acendeu outro cigarro. — Não cheguei a ver o Pickering. Não sei o que lhe aconteceu, mas presumo que esteja no fundo do mar.

Calou-se. Não havia informações sobre um membro da tripulação, apercebeu-se Digby. Após uma pausa, perguntou: — E o quinto homem?

— John Rowley, o oficial de artilharia, estava vivo. Ouvimo-lo gritar. Eu estava um pouco aturdido, mas o Jones e o Croft tentaram remar na direcção da voz. — Abanou a cabeça num gesto de impotência. — Não imaginas como foi difícil. A ondulação devia ser de um metro, um metro e vinte, as chamas estavam a diminuir, pelo que não conseguíamos ver grande coisa, e o vento soprava furiosamente. O Jones berrava, e se ele tem uma voz forte. O Rowley respondia-lhe no mesmo tom; depois uma parte do bote subia por um lado de uma onda, descia o outro, isto tudo enquanto rodopiava, e quando voltámos a gritar, a voz dele pareceu vir de uma direcção completamente diferente. Não sei quanto tempo durou aquilo. O Rowley continuava a gritar, mas a sua voz parecia enfraquecer à medida que o frio o gelava. — O rosto de Bart crispou-se. — Já era um tanto patético o que ele dizia, chamando por Deus e pela mãe e esse tipo de parvoíces. Acabou por se calar.

Digby apercebeu-se de que sustinha a respiração, como se o mero som de inspirar pudesse constituir uma intromissão numa lembrança tão horrível.

— Fomos encontrados pouco depois da alva, por um contratorpedeiro que andava a patrulhar submarinos alemães. Lançaram uma baleeira e içaram-nos. — Bart olhou pela janela, alheado da paisagem verde do Hertfordshire, vendo uma cena diferente, distante. — Uma sorte dos diabos, nem imaginas — referiu.

Permaneceram sentados em silêncio por algum tempo; depois Bart disse: — O ataque foi um sucesso? Não me quiseram dizer quantos regressaram com vida.

— Desastroso — respondeu Digby.

— E a minha esquadilha?

— O sargento Jenkins e a sua tripulação regressaram em segurança. — Digby retirou um papel do bolso. — O oficial piloto Araratnam também. De onde é ele?

— Do Ceilão.

— E o avião do sargento Riley foi atingido mas conseguiu regressar.

— Irlandês sortudo — comentou Bart. — E então os restantes? Digby limitou-se a abanar a cabeça.

— Mas havia seis aviões da minha esquadrilha naquele ataque! — protestou Bart.

— Eu sei. Para além do teu, foram abatidos mais dois. Parece que não há sobreviventes.

— Nesse caso, o Creighton-Smith morreu. E o Billy Shaw. E... Ó meu Deus. — Virou a cara.

— Lamento.

O estado de espírito de Bart passou do desespero à raiva. — Não basta lamentar — disse. — Estão a mandar-nos para ali para uma morte certa!

— Eu sei.

— Por amor de Deus, Digby, tu pertences ao maldito governo.

— Eu trabalho para o Primeiro-Ministro, sim. — Churchill gostava de trazer as pessoas do sector privado para o governo e Digby, um bem-sucedido projectista de aviões antes da guerra, era um dos seus peritos na resolução de problemas.

— Nesse caso, tens tanta culpa disto como qualquer outra pessoa. Não deverias estar a perder o teu tempo a visitar doentes. Vai-te mas é daqui e faz alguma coisa para resolver o assunto.

— Eu estou a fazer alguma coisa — respondeu Digby calmamente. — Fui incumbido de descobrir a razão de isto estar a acontecer. Perdemos metade dos aviões naquele ataque.

— Cá para mim, foi uma maldita traição vinda de cima. Ou algum marechal do ar armado em palerma que se pôs a falar do ataque do dia seguinte no seu clube enquanto um empregado de bar nazi ia tomando notas por trás das canecas de cerveja.

— Não deixa de ser uma hipótese.

Bart suspirou. — Lamento, Diggers — disse, usando um diminutivo de infância. — A culpa não é tua. Eu é que me descontrolei.

— Agora a sério, fazes alguma ideia do que levou a que tantos dos nossos fossem abatidos? Já voaste em mais de doze missões. Qual é o teu palpito?

Bart ficou pensativo. — Eu não falei de espíões apenas por falar. Quando chegámos à Alemanha, eles estavam à nossa espera. *Sabem quando nós vamos aparecer.*

— O que te leva a afirmar uma coisa dessas?

— Os caças deles já estão no ar, à nossa espera, e bem sabes como é difícil as forças de defesa calcularem o momento exacto. A esquadrilha

de caças tem de se deslocar precisamente no momento certo; tem de partir da base aérea para a zona onde pensam que poderíamos estar. Depois, têm de se posicionar por cima de nós e, quando tiverem feito tudo isso, precisam de nos encontrar ao luar. O processo demora tanto tempo que conseguiríamos lançar a nossa artilharia e desaparecer antes de eles nos apanharem. Mas não tem sucedido assim.

Digby anuiu. A experiência de Bart condizia com a de outros pilotos que interrogara. Preparava-se para lho dizer quando Bart levantou a cabeça e sorriu por cima do ombro de Digby. Este virou-se e viu um negro com o uniforme de comandante de esquadrilha. Tal como Bart, era jovem para a patente, e Digby calculou que tivesse recebido as promoções automáticas por experiência em combate: tenente-aviador após doze missões, comandante de esquadrilha ao fim de quinze.

Bart cumprimentou-o: — Olá, Charles.

— Deixaste-nos a todos preocupados, Bartlett. Como estás? — A pronúncia do recém-chegado era das Caraíbas, sobrepondo-se a uma maneira de falar de Oxbridge*.

— Dizem que devo escapar desta.

Com a ponta de um dedo, Charles tocou nas costas da mão de Bart que saíam da tira ao pescoço. Era um curioso gesto afectuoso, pensou Digby. — Folgo imenso em sabê-lo — disse Charles.

— Charles, apresento-te o meu irmão Digby. Digby, este é o Charles Ford. Andámos juntos na Trinity até nos alistarmos na força aérea.

— Foi a única maneira de nos furtarmos aos exames — referiu Charles, apertando a mão a Digby.

Bart afirmou: — Como estão os africanos a tratar-te?

Charles sorriu e explicou a Digby. — Existe na nossa base aérea uma esquadrilha de rodesianos. Aviadores de primeira, mas têm dificuldade em lidar com um oficial da minha cor. Chamamos-lhes africanos, o que parece deixá-los ligeiramente irritados. Não percebo porquê.

Digby respondeu: — Obviamente, não deixará que isso o afecte.

— Acredito que, com paciência e uma melhor educação, possamos acabar por conseguir civilizar tal gente, por mais primitiva que se afigure neste momento. — Charles desviou o olhar e Digby vislumbrou uma certa raiva por debaixo do seu bom humor.

— Estava precisamente a perguntar ao Bart por que acha que estamos a perder tantos bombardeiros — referiu Digby. — Qual é a sua opinião?

* Termo inventado, por vezes com sentido pejorativo, para Oxford e/ou Cambridge (comparadas com universidades britânicas mais recentes). (NT)

— Não participei neste ataque — respondeu Charles. — Pelos vistos, tive a sorte de o falhar. Mas outras operações recentes não correram nada bem. Tenho a impressão de que a Luftwaffe consegue seguir-nos através das nuvens. Poderão ter algum equipamento a bordo que lhes permita localizar-nos mesmo quando não somos visíveis?

Digby abanou a cabeça. — Cada avião inimigo abatido é minuciosamente examinado, e nunca vimos nada semelhante àquilo que refere. Estamos a esforçar-nos por inventar esse tipo de aparelho, e estou convencido de que o inimigo também, mas ainda nos encontramos muito longe de o conseguirmos, e temos a certeza absoluta de que eles estão bem mais atrasados do que nós. Não creio que seja isso.

— Bem, é a sensação que transmite.

— Continuo a achar que existem espiões — afirmou Bart.

— Curioso. — Digby levantou-se. — Tenho de voltar a Whitehall. Obrigado pelas vossas opiniões. É sempre útil falar com os homens que estão no terreno. — Despediu-se de Charles com um aperto de mão e pressionou o ombro bom de Bart. — Repousa bastante e rápidas melhoras.

— Dizem que dentro de algumas semanas estarei de novo a voar.

— Não posso afirmar que isso me agrade.

Quando Digby se preparava para retirar, Charles interpelou-o: — Posso fazer-lhe uma pergunta?

— Com certeza.

— Num ataque como este, os custos de substituição dos nossos aparelhos perdidos devem ser superiores aos custos dos do inimigo para reparar os estragos causados pelas nossas bombas.

— Sem dúvida.

— Nesse caso... — Charles abriu os braços em sinal de incompreensão — por que o fazemos? Qual a finalidade dos bombardeamentos?

— Pois — redarguiu Bart. — Também gostava de saber.

— O que mais podemos fazer? — observou Digby. — Os nazis controlam a Europa: a Áustria, a Checoslováquia, a Holanda, a Bélgica, a França, a Dinamarca, a Noruega. A Itália é aliada deles, a Espanha simpatizante, a Suécia é neutra, e têm todas um pacto com a União Soviética. Nós não temos forças militares no continente. Não temos nenhuma outra forma de ripostar.

Charles anuiu. — Por conseguinte, nós somos tudo o que vos resta.

— Precisamente — referiu Digby. — Se os bombardeamentos cessarem, a guerra acaba... e Hitler vencerá.

O Primeiro-Ministro assistia a *O Falcão de Malta*. Fora construído recentemente um cinema privado nas velhas cozinhas da Casa do Almirantado. Disponha de cinquenta ou sessenta cadeiras de veludo e de

uma cortina de veludo vermelho, mas era normalmente usado para visionar filmes de bombardeamentos e examinar peças de propaganda antes de serem exibidas ao público.

Churchill, no final da noite, depois de todos os memorandos terem sido ditados, os telegramas enviados, os relatórios anotados e as minutas rubricadas, quando estava demasiado preocupado, aborrecido e tenso para conseguir dormir, sentava-se num dos grandes lugares VIP na primeira fila com um cálice de brande e perdia-se no mais recente encantamento de Hollywood.

Quando Digby entrou, Humphrey Bogart explicava a Mary Astor que, quando o companheiro de um homem é morto, lhe compete tomar uma atitude. O ar estava carregado de fumo de charuto. Churchill apontou para um lugar. Digby sentou-se e assistiu aos últimos minutos do filme. Quando surgiu no ecrã a ficha técnica por cima da estatueta de um falcão preto, Digby informou o seu chefe de que a Luftwaffe parecia ter conhecimento prévio do momento em que o Comando de Bombardeiros* ia atacar.

Quando terminou, Churchill olhou para o ecrã por alguns momentos, como se estivesse à espera de descobrir quem fizera o papel de Bryan. Havia ocasiões em que era encantador, com um sorriso cativante e um brilho nos olhos azuis, mas, naquela noite, parecia profundamente pesaroso. Por fim, disse: — Qual é a opinião da RAF?

— Atribuem as culpas à má formação durante o voo. Teoricamente, se os bombardeiros voarem em formação cerrada, o seu armamento deveria cobrir o céu todo, pelo que qualquer caça inimigo que apareça deveria ser abatido de imediato.

— E qual é a sua opinião sobre o assunto?

— É um absurdo. A formação de voo nunca resultou. Deve ter entrado um novo factor na equação.

— Concordo. Mas o quê?

— O meu irmão atribui as culpas aos espões.

— Todos os espões que apanhámos eram amadores; por isso mesmo foram apanhados, claro. Pode suceder que os competentes tenham conseguido escapar por entre as malhas da rede.

— Talvez os alemães possuam alguma inovação técnica.

— Segundo os Serviços Secretos, o inimigo está muito mais atrasado do que nós no desenvolvimento do radar.

— Confia na avaliação deles?

* Unidade militar organizacional, por via de regra subordinada à força aérea de um país. (NT)

— Não. — As luzes do tecto acenderam-se. Churchill estava de *smoking*. Tinha sempre um aspecto janota, apesar das muitas rugas de preocupação no rosto. Retirou do bolso do colete uma folha de papel fino dobrada. — Aqui está uma pista — disse, e entregou-a a Digby.

Digby analisou o papel. Parecia ser uma descodificação de um sinal de rádio da Luftwaffe, em alemão e inglês. Referia que a nova estratégia da Luftwaffe de ataques em noites escuras, *Dunkle Nachtjagd*, tivera um êxito enorme, graças às excelentes informações de Freya. Digby leu a mensagem em inglês e depois novamente em alemão. «Freya» não era uma palavra pertencente a qualquer das línguas. — O que significa? — inquiriu.

— É o que eu quero que descubra. — Churchill levantou-se e vestiu o casaco. — Acompanhe-me — pediu. Quando saiu, gritou: — Obrigado!

Uma voz respondeu da cabina de projecção: — O prazer foi todo meu, senhor primeiro-ministro.

Enquanto atravessavam o edifício, foram acompanhados por dois homens: o inspector Thompson da Scotland Yard e o guarda-costas particular de Churchill. Saíram para a praça de armas, passaram por uma equipa que manobrava um balão de barragem e transpuseram uma porta na vedação de arame farpado que dava para a rua. Londres estava às escuras, mas uma lua em quarto crescente iluminava o suficiente para encontrarem o caminho.

Percorreram alguns metros lado a lado por Horse Guards Parade até ao número um de Storey's Gate. Uma bomba danificara as traseiras do número dez de Downing Street, por isso Churchill ocupava o anexo nas imediações, por cima das Salas do Gabinete de Guerra*. A entrada encontrava-se protegida por uma parede à prova de bombas. O cano de uma metralhadora saía de um buraco na parede.

Digby despediu-se: — Boa noite, senhor.

— Temos de fazer alguma coisa — disse Churchill. — A este ritmo, no Natal o Comando de Bombardeiros já não existirá. Preciso de saber quem ou o que é Freya.

— Vou descobrir.

— Faça-o com a máxima urgência.

— Sim, senhor.

— Boa noite — disse o Primeiro-Ministro, e entrou.

* Estas salas foram mandadas construir por Churchill em 1938. Funcionavam como um *bunker* e as instalações estavam equipadas com um «tecto» em aço reforçado. Era na sala principal que se reunia o seu executivo. (NT)